



**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa -- 2 de Dezembro - 1926

**5 TOSTOES**

**30**

**sempre**

**FIXO**

**semanário  
humorístico**

Propriedade

**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR

**PEDRO BORDALLO**

Administração

**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 57



*J. Valente*  
(38 fui vítima)

**Piedosa e sentida homenagem aos mutilados da Imprensa**



## Os ditos da semana

No almoço oferecido ao ilustre escritor e jornalista Matos Sequeira, um distinto oficial do Exército, *doublé* de homem de letras e de teatro, ia, por por *blague* inofensiva, fazendo de censor.

Depois do discurso do sr. dr. Bamada Curto, que é um orador cheio de espírito e de vibração, vieram aplausos estridentes. Então o censor, imitando a pronuncia do Norte, para dar o trocadilho:

— Este é «bisado» pela Censura.



Notas filosóficas ferro-viarias extraídas, de cér, do *Riso do Sul*, órgão dos empregados do Sul e Sueste... A mulher definida por vários elementos da classe:

— A mulher é uma remessa que, quanto mais se confere, mais faltas se lhe nota. — *Um conferente*.

— As mulheres são como as máquinas; só se animam quando se lhes enche as caldeiras. — *Um fogueiro*.

— A mulher é um comboio que ultrapassa normalmente os limites... da paciência. — *Um chefe*.

— A mulher é uma escuta de remessa que requere muito cuidado. Depois de perdida, nunca mais se encontra. — *Um factor*.

— A mulher é uma folha de

vencimentos que, embora errada, já não admite emendas nem razuras. — *Um escriturário*.

— A mulher é uma taxa que, embora processada pela tarifa mais barata... sai sempre mais cara. — *Um fiel*.

— A mulher é um modelo M. T. R. que, quanto mais a carimbam, menos garantias dão. — *Um condutor*.

— A mulher é uma legislação ferro-viaria que só nos exige deveres, e as garantias são para os outros. — *Um praticante*.

— A mulher é uma linha cruzada que fala com dois ao mesmo tempo. — *Um telegrafista*.

— A mulher, para nós que ganhamos duzentos escudos, é uma estação onde o comboio não pára. — *Um praticante de escritório*.

— A mulher é uma administração que, quanto menos verba tem, mais precisa de gastar. — *Um engenheiro*.

— A mulher é um volume que só quem carrega com ele é que sabe o que ele custa. — *Um carregador*.



Agora a mulher definindo o homem e o ferro-viário:

— O homem é o factor dos actos que a gente faz.

— O homem, nas nossas mãos, nunca passa de um praticante.

— O homem é tanto mais fiel quanto mais nos paga cada a tarifa.

— O homem que nos faz grandes discursos quando a

gente lhe pede uma «remessa» urgente de dinheiro, é o pior dos conferentes.

— O homem é o nosso fogueiro, mas, pela violencia do serviço, utilizamo-lo por quartos.

— O homem só é um bom chefe de estação quando nos deixa parar diante de uma loja de modas.

— O homem é de facto um bom engenheiro se, além de teórico, for prático.

— O homem é tanto melhor escriturário, quanto menos contas fizer do que lhe pedimos.

— O homem é o condutor que a gente, afinal, leva para onde quer.

— O homem é o carregador que nos conduz muitas vezes a mala arrombada.

— O homem é o telegrafista cuja linha não nos importa nada que esteja impedida.

— O homem é, enfim, o ferro-viário que nós encontramos sempre na nossa via.



Os condutores dos eléctricos não temem piada nenhuma. Mas esta é aceitável.

— O menino também paga bilhete.

— Mas — diz a mãe — ontem vi de Belém para o Rossio e ele não pagou.

— Ah! E' porque ficou em casa.

**Guilherme Pereira de Carvalho**



— Que tal? —  
— Um prodigo! Uma maravilha!  
Isto é cubismo, e do bom!

— Ai, adeus, acabaram-se os dias,  
que ditosa vivi a teu lado...



— Está tudo pronto?  
— Está. Quantos coelhos quer para a caçada de amanhã?

OS POMBALIS DA BITADURA...

## A CAMARA MUNICIPAL VAI REEDITAR o grande terramoto...

Não calculas, meu cara Ferraz, a mirabolante transformação que os actuais detentores dos polonios municipais estão fazendo sofrer a Lisboa.

Desta vez, sim, é que isto vai ficar uma capital com cara de gente. Os turistas desembarcarão aos milhares e deixarão aqui libras e dollars aos milhões. E Portugal—que até agora tem estado a nadar em sêes—vai daqui a pouco tempo nadar em dinheiros, graças à ditadura do Pelourinho...

\* \* \*

Por meio duma inconfidencia, conseguimos obter os traços gerais do grandioso plano da vereação lisboeta. Eis-lhos:

Do Terreiro do Paço partira uma larga avenida que irá até à Penitenciaria — simbolizando assim uma época corrupta em que tantos políticos fizeram ou deviam ter feito esse caminho.

Do Poco do Bispo a Belém haverá uma vasta arteria, que será asfaltada de Belém para lá—a fim dos automóveis, em caso de aperto, deslizarão melhor e mais rapidamente.

O Rossio acabará, o mesmo acontecendo ao teatro Nacional. Velharias que não se compadecem com o espirito progressivo dos novos vereadores.

Arvores — não ficará tronco sobre raiz nesta cidade de olarias, a reflorem de ano para ano, e de amoreiras fornecedoras dos bichinhos de seda da estudantada. A propósito, dizemos, não sabemos com que fundamento, que toda esta guerra á arvores é feita de propósito para arrepiar o sr. dr. José de Castro que, como é do domínio público, é pai do sr. dr. Alvaro de Castro.

\* \* \*

Do Parlamento—fechado por inutil e dispendioso—pensa a Camara fazer uma escola—uma escola onde o famoso *O' escola, sonai!* será substituído por um hino á dictadura, com letra do sr. Cunha Leal e com musica traduzida por um dos nossos mais populares compositores.

As casas de jogo vão fechar. E, para que a imensa fauna que delas vive não morra á fome, instalar-se-ão nelas agremiações desportivas, com *roughing*, tiro aos patos, etc.

Também acabam as casas de prego, assim chamadas porque de vez em quando nos pregam cada susto com os leilões, que é da gente fugir.

Finalmente — e isto está secreto, para não ferir a modestia dos homenageados — pensasse em colocar no Pombal do Marquês a estatua do reformador — o presidente José Vicente de Freitas. E na Praça dos Restauradores, que o arrojado vereador está rapando á escovinha—será construída em asfalto o busto do sr. Quirino da Fonseca, tendo entrelaçados, em bronze, o canhão e o serrote simbólicos.

Zé Lisboeta.

## A NOVELA DO "FIXE"

# Os irmãos unidos

*O título desta novela nada tem de comum com a conhecida casa do passo da supracitada nome, donde eu, com o testemunho dos galegos que a escrevem, tenho visto passar centenas de guisados de vários gêneros, mas só um da gênero humano tenho apreendido, assignado dono da casa—e que, pela sua inteligência, nô foi quindado a recuar da Camara.*

*Com todo o respeito, igualmente, pelos meus antepassados e próximos parentes, eu vou contar uma história da minha infância, com o olhar fixo no meu horizonte de família, visto que nô se destaca uma padiola sobre um campo de chinguiços, símbolo do trabalho honrado daqueles que arrumaram este país, pondolle as mobílias nos seus lugares ou dando-lhe em barris a água que o sr. Carlos Pereira nô nos pode hoje dar nem nos desejamos...*

Era dum dia vez um galego chamado Romão que, em tempos, fazia poiso num esquinha da rua do Ouro. Esse homem tinha um irmão chamado Bento, com pouca diferença da idade dele—cêrcas dos sessenta.

Era, pois, o Romão tão honesto e sério que uma joalheria da rua lhe confiava as chaves, coisa em que os caixeiros nunca tinham licença de tocar...

Esse galego era tão meu amigo que muitas das vezes eu mesmo todas que tinha o encargo de me levar a casa—sim, porque nesse tempo não havia *bennes* e os pais mandavam os filhos por galegos, como se fosse em embrulho—como ia dizendo, quando me acompanhava, no trajecto, eu tinha forçadamente que comer um pastel de nata q o ele me oferecia.

Ora, um dia em que eu não estava disposto ao pastel de nata, ele tanto insistiu que me impingiu um morango de ovos, daqueles que os confeiteiros vendiam pegados a uma folha verde, feita de papel, para eu lhor imitar o fruto.

Acabava eu de comer, contra vontade, o fruto simulado, quando o Romão me disse:

— Bâmos, menino, coma a folhinha também porque tudo custou dinheiro e devo ser bom...

E o que eu sei é que, inconscientemente, comi a folha verde do papel, o que me fez estar às portas da morte por ter ingerido verdeleto...

Mas, vamos ao que importa:

Um dia, o honrado servo Ramón recebeu a notícia de lhe ter morrido, na terra, a mulher. Na mesma tarde, o Romão parecia um tição... Chapéu preto de aba larga com fumo alto, camisa preta, gravata preta, blusa preta e lenço tabaqueiro igualmente negro... em contraste com o Bento, seu irmão, que resumiu o luto a um laço de crepe pregado com um alfinete...

Ora, um belo dia, desapareceu-lhe o irmão Bento e, como ninguém desse sinal dele, foi o Romão procurá-lo, á esquerda, ao Governo Civil, ao hospital... e... nada!

Quando lhe perguntavam pelo irmão, respondia intrigado:

— Nun'rei dele... Passados tempos, o Romão mudou por completo, porque já sabia do irmão. Riase, trezandava a vinho e andava lesto.

Perguntava-se polo irmão e ele, ironicamente, respondia:

— Fui á terra mas quando ele voltar ha de pagar tudo...

Qual seria a causa da transformação?

Bem simples: a notícia da morte da mulher não era verdadeira. Quem tinha morrido era a mulher do irmão... a cunhada, mas ele, por economia, nunca tinha largado o luto passadissimo, apesar de já estar no período de aliviadissimo...

Um dia recebeu a notícia de que o irmão voltaria, e, então, o que foram elas...

Foi esperá-lo á estação com um embrulho misterioso e de ponto em branco...

Mal avistou o irmão, levou-o para o largo da estação e, desembrulhando o conteúdo do volume, começou com austeridade a mostrar-lhe três camisas pretas, já meio debotadas pelas lacrugas, meia duzia de lenços negros e duas blusas de ganga, idem.

— Tu bés isto, Bento? — diz o Romão.

— Beijo, e después?

— Después tens que me pagar tudo.

— Yo!!!!

— Si. Quem haverá de sort? Fui a tua mulher que morreu e nun a minha. Toma tudo isto, veste-te todo de negro, que é o teu dever e... paga o que eu gastei.

— Lá isso non. Escutecha, Ramón: Se os fregueses sabem do engano, perdemos a cotação na esquina. Por isto, continua a estar de luto e não des satisfacções a ninguém.

E o nosso Ramón, pensando maduramente nas consequências, disse para o irmão:

— Tu tens raon, Bento...

E bô foram ambos a pôr a casa em ordem, caminho da casa de malta.

Na semana seguinte, o Romão resolveu ir á terra abraçar a mulher. Foi e, quando voltou, ainda trazia o forcado luto.

Ora, meses depois, o Romão recebeu uma carta da Galiza e deu-a a ler a um comerciante seu fregues.

Essa carta participava-lhe que lhe tinha nascido um filho...

— Homem! — diz-lhe o comerciante ao ler a carta. — Eu sempre ouvi dizer que, ás vezes, quando o galego vai á terra, encontra lá um filho do abade, mas... esta, agora, é piramidal! Como é que tua mulher teve um filho lá no Outro Mundo?!

O Romão entupiu, foi ter com o irmão e participou-lhe que era outra vez pai, mas que os fregueses lhe faziam uma grande chuchadeira do caso, por o julgarem vírus.

Vai o Bento retorquir:

— Ouve, Ramón, é preciso guardar as conveniencias. Dizes que foi engano do correio, que o pai sou eu e fica o segredo em família.

Nesse caso, pagas-me tu o baptizado.

— Isso pagas tu porque és o pai da criança...

— E as roupas do luto quem m'as paga?

— Pagas tu porque estás a usá-las...

— Entones eu pago tudo?

— Pagas porque deves pagar...

— Mas a ti é que te morreu a mulher.

— Por isso paguei-lho o enterro...

E, assim, o Bento convenceu o bom do Romão, que só deixou de usar a camisa negra quando ela estava em estado de limpar os amarelos da loja que podia ter sido do

Reporter B.

## II Não queira ficar assim!!

USE a VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

TRASCO 6500

Depósito — VICENTE RIBEIRO &amp; C. C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA



# A graça LA por fóra

(Dos jornais estrangeiros)

— Todos os seus filhos sofrem dos rins?

— So o primeiro, o terceiro e o quinto.

— Um sim e outro não?

— Sim senhor, sofrem dos rins saltados.

\* \* \*

Um cego pedinte:

— Uma esmolinha para tomar banhos em São Sebastian.

— Porque não vai a uma praia mais modesta?

— Tratando da saúde, não olha à dinheiro.

\* \* \*

— Vou discursar em francês mas traduzindo em espanhol por duas razões: primeiro porque nem todos entenderão o francês, segundo porque eu também o não entendo.

\* \* \*

— Piso-me. Porque não põe os pés onde deve?

— Eu onde devo nunca pónho os pés.

\* \* \*

— Sabe escrever à máquina e falar francês?

— Sim senhor,

— Fuma ou bêbe?

— Não senhor, mas posso aprender.

\* \* \*

— Cavalheiro, cuidado que sou cego.

— Que imprudencia! Quem se lembra sair á noite sendo cego?

\* \* \*

— Sua mulher queria-se de que a tentou envenenar.

— É falso! Façam-lhe a autopsia e verão!

\* \* \*

— Fomos parar a uma ilha do Equador onde havia tantas lagostas que parecia toda vermelha.

— Mas as lagostas só são vermelhas depois de cozidas!

— E que no Equador nascem cozidas, tal é o calor;

\* \* \*

— O marido: — Que vida! Quem me dera já morrer para descansar!

— A mulher: — Também eu.

— O marido: — Ah sim? Então já não quero morrer!

\* \* \*

— Seu marido faleceu de morte natural?

— Sim, senhor, foi atropelado por um automóvel.

\* \* \*

— Porque não varreu esta teia da aranha?

— Julguei que era da telefonia sem fio.

\* \* \*

— Temos que dar pezanos á jovem Elvira pela morte do marido.

— Não seria melhor esperar para a felicitarmos pelo casamento?

\* \* \*

— Estás contente com o teu automóvel?

— Funciona mal e sai-me muito exausto.

— E tua mulher?

— Igualmente, muito obrigado.

Pela tradução.

Perez-Lachaise



# TEATRO «RETROZ PRETO...»



ALGUMAS anedotas de Jacinto Benavente:

Em calão teatral espanhol, diz-se «jardinillo» (jardinsinho) áquelas classicas atrapalhações dos actores que, não sabendo o papel, ou ouvindo mal o ponto, veem-se obrigados a inventar frases complicadas de difícil saída.

Foi o que aconteceu ao actor Puga na primeira reprentação dos «Interesses Criados», e com tal frequencia que mestro Jacinto Benavente, comentando a atrapalhada situação, disse:

«No fué jardinillo, fué el Parque d'Oeste.»



NUM teatro de revista, verdadeiro eden de maravilhas plasticas. A actriz descansa e conversa. Conversa amena, despreocupada, espontanea.

—Sabe que tirei o retrato.

—Mais uma vez.

—Fiquei encantada. Que fotografo! Que artista! Não nos manda pôr em pose. Fala, distraia-nos e a certa altura—Zás! E' agora!

—Gostou...

—Nunca tirei retratos tão bonitos. É uma maravilha!

—Foi instantaneo?

A actriz preocupada e pensativa:

—Instantaneo, instantaneo não foi. Ainda esperei quinze dias pelos retratos!



COMO sabem, a actriz Maria Pia pediu e obteve a sua reforma de sóciaria do Nacional.



## Eterna... estrela

A entrevista impunha-se. O jornalista rasculha o passado. Pede datas, pormenores, recordações.

—Quando se estreou? — que é o mesmo que dizer: quantos marca a certidão de idade?

—No mesmo dia que a minha colega X.

Um nome conhecido, muito conhecido.

—Em que ano?

—Ah! não lhe devo dizer! Não quer melindrar a minha colega, que gosta de ocultar os cabelos brancos da sua mocidade!

Assim se nega a historia!

O TEATRO, esgotados os artistas, recorreu aos animais domesticos. Actualmente estão em scena, além dos Gobelins do Polipereirama, dois cães e um gato. Emfim, uma sucursal do Jardim Zoologico.

Quando será prestada aos animais uma recita de homenagem?

■ ■ ■  
COMO sabem, o actor Estevam Amarante esteve doente alguns dias. Hoje, felizmente, encontra-se melhor e já representa.

Comentário dum espectador:

—Porque não chamam ele o Dr. da Mula Raçaf?



—O sr. Lé... normand?

—Normando, italiano, todos os tipos de letra.

—E tem médio dos fantasmas?

—Credo! Não me fale nisso! Lembro-me sempre da minha falecida sogra, que antes de o ser, já o era...



ESTREOU-SE no Coliseu dos Recreios a companhia Sascha Morgowa. Como sempre, os bailados fizeram-se a meia luz.

O publico, pouco inteligente, reclamou:

—Luz! Luz! O Covões não precisa de fazer economias!

Escusado será dizer que o espetáculo, embora belo, perdeu um tudo nado do seu interesse artístico.

## O Homem das 5 horas

### IMPRESSÕES DE PRIMEIRA... FILA



## CANÇÃO NACIONAL

## Os fados dos bairros

## Fado do Poço do Bispo

## Mote

*Eu vi descer um arjinho  
do alto do céo, além,  
para provar o bom vinho  
que o Poço do Bispo tem.*

## Glosas

*Uma noite resolei,  
porque estava com fome,  
ir provar a agua-pé  
e não sei o que senti...  
Eu só sei que adormeci  
e tirei um sonho daninho  
que, em visões,—talvez do vinho...—  
entre as nubes, emplumado,  
num tonel escarranchedo  
eu vi descer um anjinho...  
E*

*que sempre tirei o fraco  
que é vulgar na Humanidade  
de, na minha Irmandade,  
ter o culto do Deus Baccho;  
fico com o olhar opaco,  
mas, por dentro, fico bem  
e até parece que vem,  
numa medida atestada,  
a saude engarrafada  
do alto do céo, além...  
Pudesse haver um transporte  
dessa nação para péca,  
onde existe a tal lei seca  
que é a America do Norte,  
pudesse ter ela a sorte  
do Poço ser mais pertinho,  
que até vinha num pulinho  
o Coolidge presidente  
do sequioso continente,  
para provar o bom vinho.*

*Mas, segundo ahi se diz,  
—as palavras não são minhas—  
nós temos milhar's de rinhos  
espalhadas p'lo pais.  
Mas o Poço é tão feliz  
na secunda Lórra-mãe,  
que obrigou um dia alguém  
a segredar-me, baixinho:  
—Portugal dá menos rinho  
que o «Poço» do Bispo tem...  
José Barbosa.*

No proximo numero:

## Fado da Baixa

## Um prato patriótico

Diz o Correio dos Açores que na mostra do estabelecimento do sr. Manoel Augusto Chaves, na rua Antonio José d'Almeida, está em exposição o prato que serviu no almoço e jantar servidos em 27 de Maio ultimo ao sr. Marechal Gomes da Costa, no colégio da Boa Vista, do Porto, quando da sua passagem para Braga, na véspera da celosia do movimento militar.

O prato foi enviado para Angra ao Marechal Gomes da Costa, como oferta do mesmo colégio.

Já o mesmo não conseguiu fazer o Marechal, que queria mandar de presente o ultimo tacho ao ultimo dos comilões...  
Paciencia...

—Na região onde estivemos tínhamos mais de 60 graus à sombra.  
—E como se defendiam?  
—Fugindo para o sol.

\* \* \*

Um caçador, que é fotógrafo, ao ver surgir um coelho:  
—Quieto um momento!



## BRIC-À-BRAC

## Daltonismo

«Um guarda da polícia percorreu ontem a Baixa, intimando os lojistas a retirarem das montras todos os artigos em cujo aspecto houvesse azul e branco.»

(Dos jornais.)

*O Governo, por ser contra  
As ideias do João Franco,  
Vai a toda e qualquer montra,  
Donde retira o que encontra  
Pintado d'azul e branco.*

*Aquelas cōres odiadas  
Ferem-lhe tanto a retina  
Que a ninguem são toleradas,  
E apenas são respeitadas  
Na bandeira da Argentina.*

*Na sanha dos seus furores,  
Suprime-as nas aguarelas,  
E proíbe que os pintores  
Besunteem as suas telas  
Co'as duas malditas cōres.*

*Chega a punir co'o açoite,  
No mais desarraido arranço,  
A todo aquele que se açoite  
A usar vazos de noite  
Pintados d'azul e branco.*

*A Virgem, disse-lhe um santo  
Que iam mover-lhe um ataque,  
E a Santa Virgem, portanto,  
Mandou tingir o seu manto  
A' casa do Cambourac.*

*Perdem tempo inutilmente,  
Em meu humilde criterio  
Co'uma questão indiferente,  
Que já pouquíssima gente  
Insiste em tomar a sério.*

*A mór parte dos senhores,  
Por medo ou por ambição,  
Comodistas ou traidores,  
Misturam as quatro cōres  
Numa alegre confusão.*

*Vejo os grandes e os pequenos  
Servindo o seu egoísmo,  
Indiferentes e serenos,  
—E todos nós, mais ou menos,  
Sofremos de daltonismo.—*

*Neste tempo, em que o Valor  
Condescende p'ra que vingue,  
E transige p'ra se impôr,  
Já ninguem distingue a cōr,  
Nem já os homens distinguem.*

*A Prudencia, nesta terra,  
A ninguem oferece o flanco,  
E com tão pouco se aterra,  
Que eu acho inutil a guerra  
Contra o pobre azul e branco.*

*Vá, que esta gente me oprime,  
Trate o país como um réo  
E azul e branco suprima!...  
Mas que comecem por cima,  
Mandando pintar o céo.*

João Fernandes.

## Dr. Augusto de Vasconcelos



Obstetricia diplomática

## Entrevista

com uma nota falsa de 500

Estando o Marang a ser julgado no tribunal da Haia, procurámos avistar-nos com uma das notas falsas de 500 escudos que deram motivo á complicada burla do Angola e Metropole.

A entrevista era oportuna, impunha-se. Fomos encontrar a nota comodamente instalada na carteira de um pobre provinciano que caridosa mente a recolhera, porque a pobre rapariga tinha ido exposta na roda do Destino e abandonada pelos seus progenitores.

Amavelmente recebidos, dissemos logo ao que íamos:

—O Sempre fixe desejaria que a menina lhe dissesse alguma coisa sobre a burla e os burlões.

—Mas eu sou uma abandonada, interrompeu logo a nota de 500, não tenho valor nenhum. Sou uma infeliz. Essas doutrinas da igualdade social são uma pura cantiga. Eu sou igual ás minhas irmãs, mas ninguem me liga importância. O papá Marang nega-me até a sua paternidade e ele bem sabe que eu sou sua filha. Bem sei que fui o fruto de ligações ilícitas, mas ele bem devia ter pensado nisso quando andava a desinquietar a minha mãe, a senhora Waterloo, que era uma rapariga honesta. O grande mal foram as más companhias, porque o papá Marang, sózinho, não teria conseguido enganar a minha mãe.

—Mas porque não requereu a investigação da paternidade ilegitima, para ser considerada tão filha como as outras que foram admitidas no Banco de Portugal?

—Ora, porquê? Porque este bom homem que me recolheu não falou a tempo. Quando deu por mim já tinha expirado o prazo e eu fiquei nesta situação desgraçada.

—E, diga-mo uma coisa,—fizemos nós—seu pai nunca a reconheceu como filha?

—Reconheceu sempre, enquanto ninguem sabia da minha origem criminosa. Fui acarinhada e andei sempre junto do coração do papá Marang e dos meus padrinhos Alves dos Reis e Bandeira e dos amigos da casa, mas um dia começaram a envergonhar-se de mim e abandonaram-me, sem se lembrarem que viveram á minha custa durante muito tempo. Quando o meu pai adoptivo soube quem eu era quiz-me trocar por outra, mas começo a toda a gente a apurar-me e a gritar:—E' falsa! E' falsa! Ah! que vergonha eu passei! Iam-me linchando.

—E que lhe parece do julgamento?

—Aqui é uma grande fita, mas o papá Marang ha de ter o castigo que merece. Isto doe muito ao meu coração de filha, mas desejo que ele seja condenado, de contrário nunca mais uma rapariga honesta pode acreditar no juramentos, nos protestos e nos documentos de homem algum.

—Mas seu pai afirma no tribunal que ignorava o mal que estava fazendo e que procedeu de boa fé.

—Ah! isto é uma infâmia! Enganar uma mulher sem saber o que estava fazendo não era possível. O papá Marang sabia muito bem que estava enganando a mamã Waterloo e atraindo o Banco de Portugal, com quem a mamã tinha relações para o bom fim.

—Como sempre, o Banco foi o ultimo a sabê-lo, dissemos nós?

—Pois claro. E como muitos homens enganados, ainda teve de pagar as despesas do amante de minha mãe e de reconhecer muitas das minhas irmãs que falaram a tempo, como boas e como suas filhas.

Neste momento, o bom homem que a recolhera, ouvindo falar, puxou da carteira e foi interromper o nosso amigável coloquio, desabridamente, nesses termos:

—Oh! sua singela, sua hipocrisia, você é falsa como Judas. O cavalheiro, não acredite no que diz esta patifaria. E você cala a boca, que você é tão boa como seu pai e toda a sua família, que veio a este mundo só para me desgraçar.

Como os ares estavam turvos, rotaramo-nos.



# Desportos

## O KIL.<sup>TRO</sup> DE ARRANQUE

Para obviar à crise evidente de árbitros do *football*, resolvem a Associação de Lisboa criar, dentro do Colégio dos Árbitros, cursos obrigatórios e preparatórios para os aspirantes a juízes de campo.

Era, ao mesmo tempo, a solução do problema e a justificação do título: - *Colegio*.

Ultteriormente, a ideia foi abrigada. Os árbitros encartados seguiriam, também, um curso especial para completa elucidação das mal traduzidas leis e para unificação de doutrinas.

Calculavam os que, encerradas no limitado âmbito de *cursos de arbitragem*, as aulas, palestras ou conferências se reduziriam, antes de mais nada, ao enunciado perfeito das 17 regras, uma por uma—com todas as elucidações a árbitros, jogadores e oficiais, expressas no texto britânico, e à interpretação perfeita dos muitíssimos casos que de interpretação necessitam.

O nível médio mental dos ouvintes obrigatórios justificava esse A. B. C. cuidadoso e claro.

Mas assim não foi.

Cândido de Oliveira, um dos escaldados mestres, perdeu-se faz perder... hora e meia, do curso, falando...

*Diz-me?—preguntaria o leitor.*

Não! Do daltônismo, dos conhecimentos de psicologia e de afazimentos de jurisprudência.

Supomos, até, que eram Gama Pinto, Mora-Giatteri e Von Aster.

Após o que os árbitros se foram embora (como tinham vindo) e o conferencista foi muito cumprimentado por vários amigos e admiradores,

Cândido de Oliveira é uma inteligência excepcional ligeiramente prejuiciada pelas condições de cultura. A necessidade de criar e alargar uma base de conhecimentos, em idade madura—preocupou-o... quasi o descreva.

Faz lembrar uma nota alegre que Requeplan escreveu à respeito das *Loretas da Moda*:

«—Eles ont de Portographe; mais elles en abusent!»

\* \* \*

Roland Dorgelos escrevia no último número do *Match* esta meia duzia de linhas:

—Diz V. Ex.º que faz, habitualmente, sport...

—Serei dum cavalo!

—E trá-lo às costas?

—Ah, não? Então não é um exercício.

—É o cavalo que se desenvolve e não V. Ex.º

\* \* \*

O nosso previsível colega *Sport de Lisboa*, que agora está atravessando uma interessantíssima fase de rejuvenescimento—esteve, há tempos, numa crise que muito preocupou várias das pessoas que lhe estavam inteiramente ligadas.

Exercia então as altíssimas funções de director, Félix Bermudes—a ilustre farsograto e revistório que faz rir moia Lisboa. E Bermudes, que vê as coisas desportivas por um prisma de filosofia e bom humor bastante originais, foi por essa altura procurado pelas pessoas a que acima nos referimos.

Ter-lhe-íam feito ver que o periodico, ao abandonar retrogradava, apressadamente, na estrada do bom acolhimento público...

Félix Bermudes ouviu atentamente o que lhe expunham, pensou com cuidado e lentidão, e responderam, ao que dizem, dumha forma adorável:

### Zé Maria.

—Vamos então resolver como vai de arribar a juntada.

\* \* \*

Os membros ilustres do *Abarrotry Sport Club* já na semana passada exerceram as suas funções digestivas.

Usaram, porém, do silêncio prudente de Courtois para *arrabory* em surdina. Nada transpirou das conferências desportivas e licorosas, perdendo assim a causa uma ocasião única de movimentar os músculos oficiais...

Conta-se que foi convidado a tomar parte nos agapes, um conhecido dirigente inquiriu conscientemente dos fins da agremiação.

Disseram-lhos. E mostraram-lhos uma lista de nomes de prováveis adeptos e assistentes. O homem fez com cuidado e no final negou-se.

—Porque?—inquiriram.

—É que, an que vejo, para percorrer as «Abarrotry» é necessário ter muita hoga e domaga...»

\* \* \*

Corre nos mentideros desportivos que a reunião do Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Foot-ball Association, para resolução do celebre protesto apresentado pelo *Benfica* sobre o seu encontro com o *Carcavelinhos*—foi algo acidentada.

Porque a reunião se fez num quarto do Hotel Francfort, houve ali quem se apressasse a inventar uma invraisimil cena em que um dos técnicos teria procurado juntar aos argumentos das *ris* o contrapeso dum ferro da cama.

Isto é absolutamente falso.

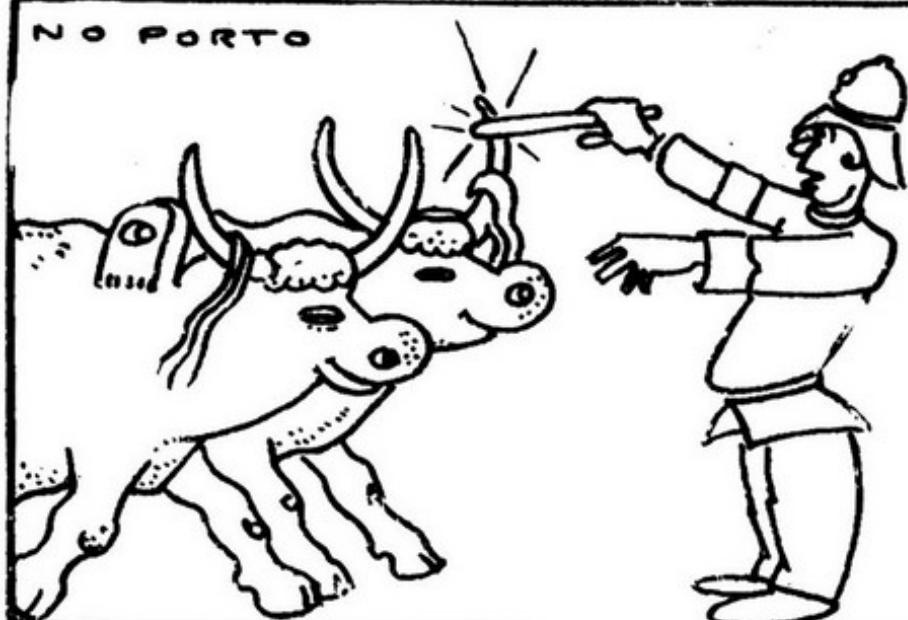
Tratando-se dum hotel de primeira ordem, a reunião foi naturalmente feita em volta dum confortável mesa, convenientemente adornada de *sweets* e bebidas quentes.

O boato correte só se justifica pela adulteração dumha frase amável em que um dos técnicos oferecia gentilmente a outro—uma chaveta de círculo bolacha.

### Rebel-A-Bela.

## Tauromaquia na praça... publica

NO PORTO



EM LISBOA



OS EXTREMOS... TOCAM-SE

## HISTORIA DUM CHEQUE

# Atribulações dum "reporter" inglez que desconhecia o esperanto da moeda

Dir-lhes-hei brevemente como fui correspondente dum jornal inglês:

Tenho um amigo do Londres, pequeno de estatura e grande de bigodes, que escreve num grande jornal da capital de Inglaterra. Um dia, o meu amigo deteve-se diante de mim, abriu os braços como dois parentesis, cravou-me os seus olinhos minúsculos e perguntou bruscamente:

— Porque não escreve um artigo sobre este tema (o indicou-me o tema) para um jornal da minha terra?

Desconcertou-me. Assombrado, balbuciei:

— Homem... francamente...

— Os jornais ingleses pagam bem as suas colaborações.

Sim... porém... eu não conheço uma única palavra do seu idioma.

— Mas eu sei.

E ficou decidida a minha sorte. O *Sheffield Telegraph* respondeu em telegrama aceitando a oferta. Isto era muito inglês; o meu amigo cresceu alguns palmos na minha consideração. Muitas vezes o contei admirativamente e não podendo subtraí-lo ao desejo de mover a cabeça, murmurando:

— Estes ingleses! O que eles não desejam!

Passou uma semana e o diário do *Sheffield*, contendo o artigo traduzido em inglês pelo meu amigo, chegou às minhas mãos. Observei, orgulhoso, as colunas de letra miúda, as fotografias e os anúncios das múltiplas páginas e toda aquela enormidade do saber Deus quantas graves notícias e quantos substanciais conceitos o quantas solepas palavras, de todas as quais unicamente duas eram compreensivas para mim: as do meu nome na assinatura do artigo.

Varias vezes mostrei o jornal aos meus amigos:

— Que tal? Já viste? Isto é um jornal ou quê?

E começava a voltar as enormes folhas. Por fim, acrescentava inviavelmente:

— Traz uma coisita minha.

Assim, sem lhe dar importância. A outro amigo, que também não sabia inglês, li-lhe um dia o artigo desde o princípio ao fim. Ao terminar, suavamos ambos. Indaguei:

— Que te parece?

— O' menino, tremendo!

Ei guardei o jornal modestamente, fazendo um gesto, como se dissera:

— Se quiser, escrevo seis artigos como este ou melhores.

Passaram uns dias, quasi um mês e a empresa de *Sheffield* não dava sinais de vida. Certo dia, insinuei timidamente ao meu colega britânico:

— Ter-se-há extraviado o dinheiro?

O meu colega deu um salto, com os enormes bigodes eriçados:

— Extraviar-se o dinheiro?! O dinheiro inglês?

E explicou-me que os jornais ingleses têm dias certos para os seus pagamentos. Tudo muito sério, muito metódico!

Mas as minhas duvidas cresciam. Um dia, procurei *Sheffield* no mapa. Outro dia, assaltou-me a suspeita de que o meu colega era muito pequeno para ser inglês.

Mas as minhas suspeitas eram falsas. Uma missiva trouxe ao meu poder um papel onde estavam umas letras e uns numeros tudo em inglês. Consultei o caso: era uma certa ordem.

Guardei-a inocentemente na algibeira e saí à rua, cheio de felicidade. Não sabia ainda—pobre de mim—os seus rossatos e os trabalhos que me esperavam. Dediquei-me a passear com um ar de burguês endinheiroado, que nunca julguei poder encarnar. Frenete ao Banco de Espanha, a saltou-me

uma i cia; tive esse gesto do homem que se esqueceu de cumprir um dever:

— Ah! Esqueria-me de ver as factos!

E entrei. Ante um telegrama azul, protegido por um vidro, detive-me largamente e li:

«Interior 8525, Amortizável 10690, Paris 776».

Tornei a ler. Tirei a carta-ordem da algibeira; confrontei-a com o telegrama. Não dizia nada parecido. Por fortuna, encontrei um amigo entendido na Bolsa e preguntei-lhe a como estava a libra. O meu amigo olhou o telegrama e informou-me:

— Não há Londres.

— Não há Londres! Assaltou-me uma impressão indesritível e mostrei-lhe o documento recebido. Não lhe dei importância e disse-me que o endossasse.

Afastei-me desalentado. Já tinha terminado a guerra, mas os mineiros ingleses estavam em greve. Devorei os jornais e gemi: Oh! Senhor! Como nos contos morais, o dinheiro veio

turbar a minha paz. Estas libras pesam arrobas no meu espírito. Preocupei-me coisas que até hoje ignorava: a greve, os mineiros ingleses, a questão da Irlanda, os discursos de Lloyd George. E agora dizem que não há Londres! E por sim tenho de endosar o que é meu.

Resolvo ir ao Banco, por muito complicado que isso seja para mim, não me hão de comer, creio eu.

Vejo vários *guichets*. Vacilo. Escollo um ao acaso.

— Faz favor de me dar este dinheiro que está cá para mim.

— Aqui não, responde o empregado.

— Como?!—balbucio.—Não tenho cá estas libras dum senhor inglês?

— Digo que não é aqui, neste *guichet*.

— Ah!—sorri tranquilo.—Cá me parecia, porque os ingleses são muito sérios. Onde devo ir?

— Ali.—E estendeu vagamente um dedo.

Ali onde? Para não me mostrar ignorante, resolvo continuar a visita aos vários *guichets*. Vou a outro.

— Faz favor, dá-me estas libras que estão cá para mim.

Este senhor é a ordem e informa:

— Vá a Contas Correntes.

— Sei lá onde estão Contas Correntes.

E vou a outro *guichet*, e a outro, e a outro. Todos os empregados vão sabendo pouco a pouco que um senhor inglês me enviou algumas libras.

Por fim, chego a um, que me leva o papel e verifica, assustado, que se entretém a mostrá-lo numa secretaria onde escrevem vários jovens. Não comprehendo a necessidade de que tanta gente conheça detalhes da minha vida. Termina por trazer-me um pacelinho azul, com um numero, não me devolvendo a ordem.

— E que faço eu com esta rifa? — pregunto desconfiado de que é chuladeira.

— É o numero de ordem para a chamada de pagamento.

— Ah! Muito bem! Agora sim!

Sento-me, olhando o numero para o fixar bem. Duas vezes sorri ao supor que me tinham chamado o 456. Não era! Primeiro tor o 356, depois o 453. Para me distrair, olho uma senhora muito gorda que está ao pé dontra muito magra. Admire-me porque sempre costuma ser o contrario.

— Quatroczentos e cincuenta e seis! Que maneira de gritar. Toda a gente vai olhar para mim. Avanço aparentando naturalidade.

— Assine.—E apresentam-me um pacelinho.

Assino e o empregado pregunta-me: — O seu nome é conhecido cá no Banco?

A modestia impede-me responder-lhe.

O empregado olha-me e repete:

— Pergunto se o seu nome é conhecido do Banco!

— Cavalheiro, responde escamado, não digo que seja uma celebridade, mas começo a ser conhecido em Espanha. Cá no Banco não sei! Mas entre tantos empregados alguns lerão o A. B. C.

Vêse que não me explico bem porque insiste:

— Se não é conhecido, necessita de fiador.

— Fiador! É extraordinario! Fiador, eu! E se não quero ter fiador, que me acontece?

Não recebe.

Indignado, saio sem saber para onde vou. Colombo, quando saiu de Pâllos, estava mais orientado que eu. Fiador! E eu que me supunha um escritor modesto mas honrado! Corro cada vez mais desorientado. Subo a um carro eléctrico. Descço não sei onde e volto a correr. Tenho sede e febre. Há um parentesis em que não me lembro o que fiz. Apenas conservo a vaga memória de que bebi três cervejas e que um engraxador, sem me pedir licença, me lustrou as botas, exigindo-me cincuenta centimos.

São indispensáveis estes pontos suspensivos, que occultam um pênsio relato. Por fim tenho fiador! Corri ao Banco e entreguei o documento, tremulo, comovido, cansado.

— Já fechou. Venha amanhã.

— E que culpa tenho eu que o senhor tenha fechado?

— Volte amanhã.

Disenti, gritei que o dinheiro me tinha sido enviado por um senhor de Londres; que abrisse um momento apenas para me pagar, terminando com as minhas incertezas e sobressaltos. Tudo inutil. Nunca vi homem mais teimoso!

E tive que voltar no dia seguinte!

Todas estas atribulações me fizeram desejar não ter dinheiro, reconciliando-me com a minha sorte.

## C. M. L.

### A pelota «vasca» (?)

Confesso que me sinto um tanto à rasca, desde que li em um jornal qualquer, que a Camara ia, agora, proteger, o tal joguinho da pelota «vasca».

E' caso para um tipo dar à casca, pois que em Pelota tem já, a meu ver, o tal Frontão p'ra ela se entreter, quer com bom tempo ou com qualquer borrasca.

Mas o que ainda não me entrou na tóla e que me faz pular como uma onça, é que a palavra «vasca» é espanhola!!!

Ou a lingua-patria é uma geringonça, ou quem quizer brincar com a tal bola, p'ra não ser pau, tem que dizer Vasconsa.

José Barboza.



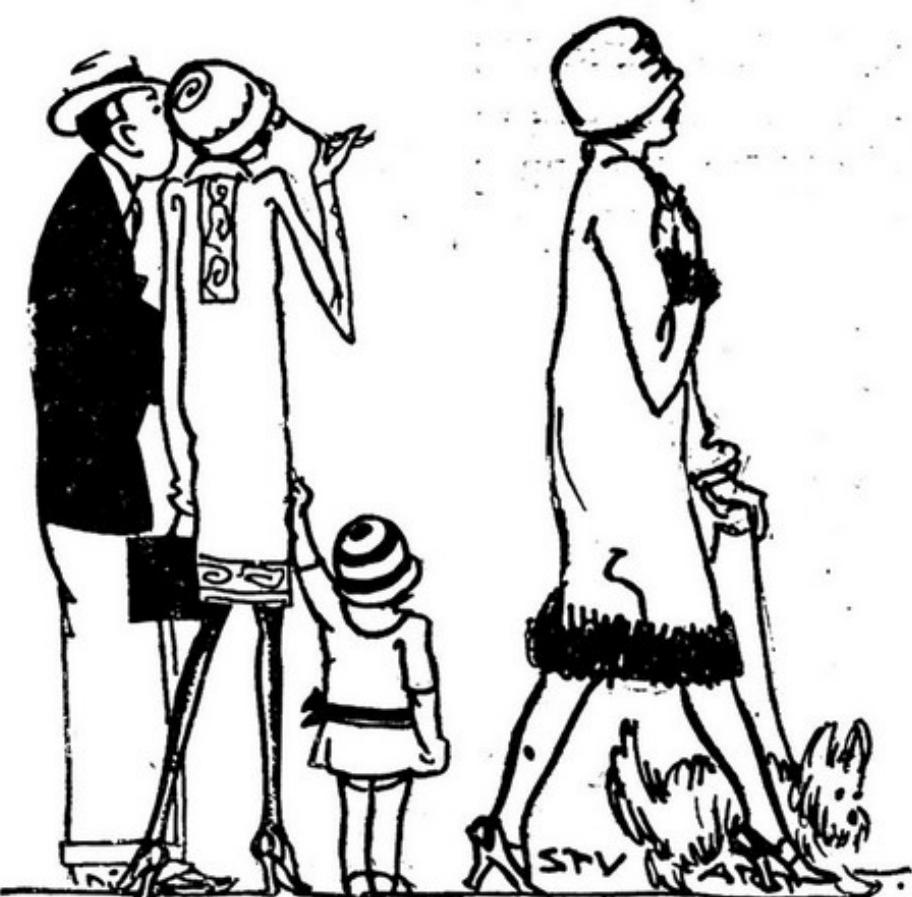
...Cá vai o felizardo a quem dei os duzentos contos a semana passada. Para outra vez te direi! Quem fica com a grande sena.



—A pescada não me parece lá muito fresca.  
—Ora essa! Ainda ha oito dias que foi inspecionada pelo sub-delegado de saude.



—Levanta-te, filha, olha que ele parou o carro.  
—Ainda bem que fui atropelada. E' a forma de irmos de taxi de graça.



Ele — Como ela engordou. Nem parece a mesma com aquelas pernas de cépo...  
Ela — Crédol Deus me livre de vir um dia a ficar tão aleijada.



—Faz favor diz-me que horas são?  
—São nove, mas dantes eram dez, agora, como é de noite são vinte. Imagine, que trinta e um...



Os dois manos colacos iam a caminho da feira, quando encontraram uma nota de vinte escudos na estrada.

O Zé da Morte disse para o Chico da Alzira:  
— Como não podemos dividir a nota e eu sou o mais velho, fico com ela.

O Chico da Alzira perguntou:  
— Como sabes que és o mais velho, se nascemos ao mesmo tempo?  
— Disse-mo a parteira quando nasci...